

# **PRIMEIROS GRUPOS ESCOLARES EM MACEIÓ: HISTÓRIAS E IMAGENS**

**Bárbara César Barros**

Bolsista PIBIC-CNPQ-UFAL, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Federal de Alagoas (FAU-UFAL)  
barbaracbarros@hotmail.com

**Adriana Capretz Borges da Silva Manhas**

Orientadora, Grupo de Pesquisa em Representações do Lugar (RELU), FAU- UFAL  
dricapretz@hotmail.com

## **Resumo**

O trabalho aqui apresentado constitui-se dos resultados parciais de uma pesquisa de Iniciação Científica que se encontra em fase inicial, e que visa apresentar uma análise da arquitetura escolar edificada em Maceió (AL) no período compreendido entre o final do século 19 até a década de 1930, incluindo os primeiros Grupos Escolares (de iniciativa pública) e as Escolas e Colégios constituídos por iniciativas particulares ou de instituições religiosas (católicas ou protestantes). A metodologia aponta-se em pesquisa bibliográfica sobre a arquitetura escolar e o processo reformador do século 19, utilizando-se de projetos arquitetônicos (plantas, cortes e elevações) e fotografias dos exemplares escolhidos, focando o entendimento e estudo da organização, planejamento e configuração do espaço como *meio* de educar e civilizar.

Palavras-chave: Arquitetura escolar. Maceió. Ecletismo.

## **Introdução**

As instituições escolares passaram a adquirir importância no contexto das cidades no momento em que os centros administrativos e econômicos foram consolidados na segunda metade do século XIX. No Brasil, os acontecimentos sociais como a Lei de Terras (1850), Abolição da Escravatura (1888) e Proclamação da República (1889), somados à expansão capitalista mundial, atenderam aos interesses estrangeiros de implantação de redes ferroviárias, portuárias e complexos econômicos ligados às novas economias. O novo cenário republicano urbano foi reconfigurado, saneado e embelezado, ao mesmo tempo em que era construída a identidade nacional. O papel da escola passou a ser o do aprimoramento moral, racional e científico do ser humano, atendendo a novas necessidades pedagógicas, sendo que para isso, passou simultaneamente por uma reforma espacial.

Ao tratar do espaço educacional em um Estado que apresenta o paradoxo de ter constituído o berço de uma elite cultural destacada nacionalmente na década de 1930, paralelamente aos maiores índices de analfabetismo do país em toda a sua trajetória, o projeto prevê a retomada do estudo histórico das elites oligárquicas que marcaram a sociedade e ainda refletem no cenário cultural e educacional do Estado de Alagoas. Assim, as análises não se restringirão às tipologias arquitetônicas e configurações espaciais, mas à relação das edificações com a cidade dentro do contexto regional de política (ou ausência de) educacional.

### **O espaço educa e vigia**

Segundo FOUCAULT (1986, p. 153) “O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar”. A criação de instituições disciplinares designadas à educação foi comprovadamente uma das formas mais eficientes da chamada “disciplina suave” (BEGUIN, 1992) do século XIX, esta que tratava de controlar o indivíduo sutilmente, sendo que a instituição que mais teve destaque foi a escolar. A arquitetura então, assume seu papel disciplinador, onde o jogo de cheios e vazios, abertos e fechados da edificação transforma paredes em adestradoras, tanto quanto os mestres em sala (FOUCAULT, 1986). A função principal que edifício-escola assumiu foi a de ser um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los (FOUCAULT, 1987, p.144). Para isso, a maior ferramenta de domínio foi o poder da vigilância, e o sentimento de estar sempre monitorado domina o sujeito que teme ser penalizado. Por isso, o uso do vidro e de pátios em escolas foi tão difundido: tal ferramenta arquitetônica permitia observar, sem que o sujeito entendesse de onde, o que o sentimento constante de observação disciplinava pelo medo.

A construção do espaço escolar é regida, inicialmente, a partir de questões que ganharam força ao longo do século XIX, como a higiene, o comportamento e a organização. Nota-se a grande influência do pensamento europeu, com suas práticas higienistas no contexto citadino, por exemplo, vinculado diretamente ao desenvolvimento das atividades coletivas. E como o processo da educação se dá a partir

de uma construção coletiva, não poderia ser diferente, existia a preocupação com o bem-estar e a organização das pessoas que participavam diretamente da composição daquele espaço.

É importante ressaltar que a construção da escola também era pensada dentro dos moldes políticos vividos no país na época. No advento da República, a escola no Brasil passou a simbolizar a “ordem e o progresso”, e deveria refletir o ideal daquele momento histórico tanto em seu projeto pedagógico quanto em seu aspecto físico. As cidades começaram a se preparar para receber as principais manifestações artísticas e arquitetônicas conseqüentes desse período substituindo símbolos que representavam outro momento vivido, como a igreja e o cruzeiro nas praças, por escolas e relógios, fazendo alusões ao novo ideário presente no cotidiano da vida urbana (ARTIGAS, 2004). Desse modo, a escola normal surgiu como o melhor modelo para a época no que se refere à aplicação de plano pedagógico e estrutura de ensino. Outro modelo de ensino adotado foram os grupos escolares, estes que surgiram no país a partir da necessidade de reunir em um único prédio as escolas de uma região específica. Embora pautados no mesmo projeto reformador do caráter, os grupos escolares, de iniciativa pública, apresentam significativas diferenças entre os colégios particulares: estruturados pedagogicamente no estado de São Paulo, os grupos escolares constituíam em uma série sistematizada de ensino progressivo, contendo cursos de diversos graus, desde o maternal até o complementar (CASTRO e IMAGUIRE, 2006). Maceió, que em 1880 já ultrapassara os trinta mil habitantes, recebeu a Escola Modelo, no bairro do Centro, atual Academia Alagoana de Letras (COSTA, 1981, p.199).

Naquela época, havia problemas nas escolas com caráter de professores mal remunerados ou espaços inadequados para o ensino, então foram assim propostos novos modelos de escolas para o país, e que se adequassem melhor as necessidades de cada região. Estas foram solucionadas formalmente de maneira simples, com grande simetria e forma definida, refletindo o desejo de renovação proposto pelos republicanos.

O primeiro grupo escolar fundado no Estado, também na capital, foi o Primeiro Grupo Escolar Diéguas Júnior, construído em 1917 no bairro da Pajuçara (COSTA, 1981, p.210). Em estilo eclético, apresenta porão alto, planta totalmente simétrica, sem a presença de pátio central e nem recuo frontal, ou seja, sua entrada principal está diretamente para a rua, o diferencia da maioria dos grupos escolares existentes no país no mesmo período. Artigas (2004) explica que as soluções

encontradas para forma e função dos prédios das escolas remetiam a duas questões principais: uma subjetiva e outra objetiva. A questão subjetiva refere-se à possibilidade de se flexibilizar a forma de ensino, estruturas preparadas para receber qualquer forma de ensino que estivesse em vigor. A objetividade da solução formal do prédio está intimamente ligada à função social da escola: ensinar. Logo, a reflexão desse pensamento se materializa no escasso programa de necessidades que os primeiros prédios escolares apresentavam: apenas salas de aula. Num período posterior, outros princípios norteavam a concepção de escola e permitiram que o programa fosse ampliado para além da prática do ensino.

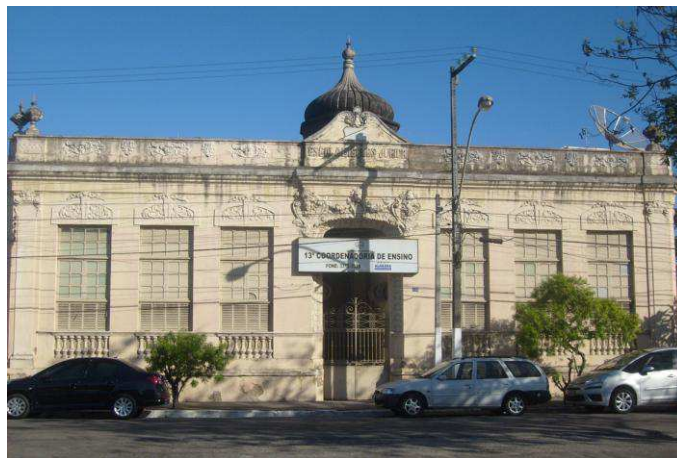


Figura 1: Grupo Escolar Diegues Júnior. Foto da autora, 2009.

A separação oficial entre Igreja e Estado fez com que o ensino da religião fosse proibido nas escolas, levando ao surgimento dos colégios mantidos por ordens e associações religiosas, católicas em sua maioria, como Colégio Santíssimo Sacramento, construído na década de 1920 no Bairro do Farol.



Figura 2: Colégio Santíssimo Sacramento. Foto da autora, 2009.

A introdução da mão-de-obra especializada e utilização de novos sistemas construtivos interferiram diretamente no aspecto geral da obra, resultando em edificações ecléticas mais imponentes, como a Escola Ladislau Neto, situada no Bairro do Jaraguá e a Sociedade Colégio Guido De Fontgalland, nome dado em homenagem ao fundador da primeira escola superior do Estado, a tradicional Faculdade de Direito de Alagoas.



Figura 3: Colégio Guido de Fontgalland. Foto da autora, 2009.

Entre as escolas particulares mantidas por associações religiosas, o Colégio Batista Alagoano, construído em 1919, foi a primeira escola religiosa mista. O formato em “U”, nos moldes das escolas mantidas nos monastérios medievais, facilitava a vigilância dos alunos no pátio, mas também favorecia as atividades coletivas.

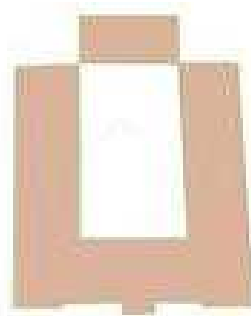


Figura 4: Esquema da planta do Colégio Batista Alagoano Desenho da autora, 2009.

Artigas (2004) afirma que os sucessos da Primeira Guerra Mundial aniquilaram a perspectiva do desenvolvimento histórico da República Velha, a Revolução de 1930 estava sendo gestada, num processo que incluiu movimentos armados e manifestações importantes como a Semana de Arte Moderna de 1922, levando às contribuições no ensino feitas por notáveis reformadores do ensino no Brasil, entre missionários e religiosos. Neste cenário, destacam-se os colégios católicos São José, construído em

1934, no Centro, o Colégio Nossa Senhora do Amparo, construído em 1932 na Praça Centenário.

Posteriormente, a preocupação com os preceitos de higiene ainda estavam ligados à prática da construção das escolas, mas outros valores foram agregados de acordo com o que era pregado na sociedade. Dentro dessas possibilidades de crescimento, a função social da escola se alargou e pôde ser percebido claramente a partir do programa de necessidades. Como exemplo, temos a inserção a partir do ano de 1936 da biblioteca nas dependências da escola, mostrando que os valores a serem agregados excedem a prática do bom comportamento e da organização, prezados anteriormente. Atividades ligadas à música, teatro e práticas esportivas ganham espaço físico dentro do programa das novas escolas (CORRÊA et al, 1998).

Como afirma Certeau (1994, p. 202), “o espaço é um lugar praticado. [...] a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar construído por um sistema de signos - um escrito”. Assim, o espaço escolar, materializado na edificação “escola”, é repleto de significados e transmite uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores, ao mesmo tempo em que impõe suas leis, normas e regras.

## **Bibliografia**

ARTIGAS, V. Sobre escolas. In: ARTIGAS, Vilanova. **Caminhos da Arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CASTRO, E.; IMAGUIRE, M. R. G. **Ensaio sobre a arquitetura em Curitiba 2: Colégios e Educandários**. Curitiba, 2006.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORRÊA, M. E. P.; FERREIRA, A. de F.; MELLO, M. G. de (orgs). **Arquitetura Escolar Paulista - Restauro**. São Paulo: FDE – Diretoria de Obras e Serviços, 1998.

COSTA, Craveiro. **Maceió**. Maceió: Edições Catavento, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete, Petrópolis: Editora Vozes, 2004.